

FOLHA INFORMATIVA – Como é hábito, a Folha Informativa vai de férias nos meses de Julho e de Agosto. Regressa nos primeiros dias de Setembro. Boas férias!

OFERTÓRIOS – No próximo fim-de-semana, o primeiro do mês de Julho, os ofertórios das missas destinam-se a amortizar a dívida contraída com a construção da Igreja Paroquial. Sede generosos, como sempre.

Com as novas regras para evitar a propagação da pandemia, recordamos que os ofertórios são feitos agora à saída das missas. Bem-hajam.

PRIMEIRO SÁBADO A 04 de Julho realiza-se a devoção do Primeiro Sábado, pedida por N. Senhora em Fátima, a partir das 17h45, na Igreja Paroquial.

NOVO HORÁRIO SECRETARIADO PAROQUIAL

O Secretariado Paroquial volta a estar de terça-feira a sexta-feira, das 16h00 às 18h00, e ao sábado, das 10h00 às 12h00.

Contudo, pedimos que sejam evitadas as deslocações presenciais, privilegiando-se o contacto telefónico naquele horário e sobretudo o recurso ao email sfxavier@paroquiasfxavier.org.

A Igreja vai estar aberta naquele horário.

CONTRIBUTOS podem ser feitos directamente para as seguintes contas bancárias:

SANTANDER – PT50 0018 0003 4942 2140 020 06

BANKINTER – PT50 0269 0113 0020 0516 481 49

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 88 (89), 2-3.16-17.18-19

REFRÃO:

*Cantarei eternamente
as misericórdias do Senhor.*

EVANGELHO DESTE DOMINGO

Mt 10, 37-42

Naquele tempo, disse Jesus aos seus apóstolos: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim.

Quem não toma a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim. Quem encontrar a sua vida há-de perdê-la; e quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la.

Quem vos recebe, a Mim recebe; e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou.

Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá a recompensa de profeta; e quem recebe um justo por ele ser justo, receberá a recompensa de justo.

E se alguém der de beber, nem que seja um copo de água fresca, a um destes pequeninos, por ele ser meu discípulo, em verdade vos digo: Não perderá a sua recompensa».

NOVAS NORMAS PARA AS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS COMUNITÁRIAS

A Conferência Episcopal Portuguesa divulgou oito dezenas de orientações para as celebrações no contexto da pandemia. Pode consultá-las no site.

Em Resumo:

1. A igreja tem limite de número de participantes. Por favor, compreenda.
2. Siga as indicações de entrada e saída.
3. É obrigatório o uso de máscara, que só pode tirar na Comunhão.
4. Higienize as mãos à entrada da igreja.
5. Não toque nos puxadores das portas.
6. O seu lugar foi marcado para garantir a distância de segurança. Por favor, respeite.
7. Se sentir mal-estar levante a mão para que alguém do Grupo de Apoio o acompanhe.
8. As ofertas ocorrem à saída da igreja e não no momento do ofertório.
9. Na Comunhão respeite as distâncias assinaladas.
10. À saída da Missa não fique à porta da igreja.



Rua João Dias, nº 53 | 1400-221 Lisboa

Tel: 210966989

sfxavier@paroquiasfxavier.org

www.paroquiasfxavier.org

PARÓQUIA

SÃO FRANCISCO XAVIER

1144

28 Junho 2020

DOMINGO

Domingo XIII do Tempo Comum

2 Reis 4, 8-11. 14-16a

Rom 6, 3-4. 8-11

Mt 10, 37-42

SEGUNDA

Solenidade dos Apóstolos

S. Pedro e São Paulo

Act 12, 1-11

2 Tim 4, 6-8. 17-18

Mt 16, 13-19

TERÇA

Primeiros Santos Mártires da

Igreja de Roma

Am 3, 1-8

4, 11-12

Mt 8, 23-27

QUARTA

Am 5, 14-15. 21-24

Mt 8, 28-34

QUINTA

Am 7, 10-17

Mt 9, 1-8

SEXTA

Festa de S. Tomé, Apóstolo

Ef 2, 19-22

Jo 20, 24-29

SÁBADO

S. Isabel de Portugal

Am 9, 11-15

Mt 9, 14-17

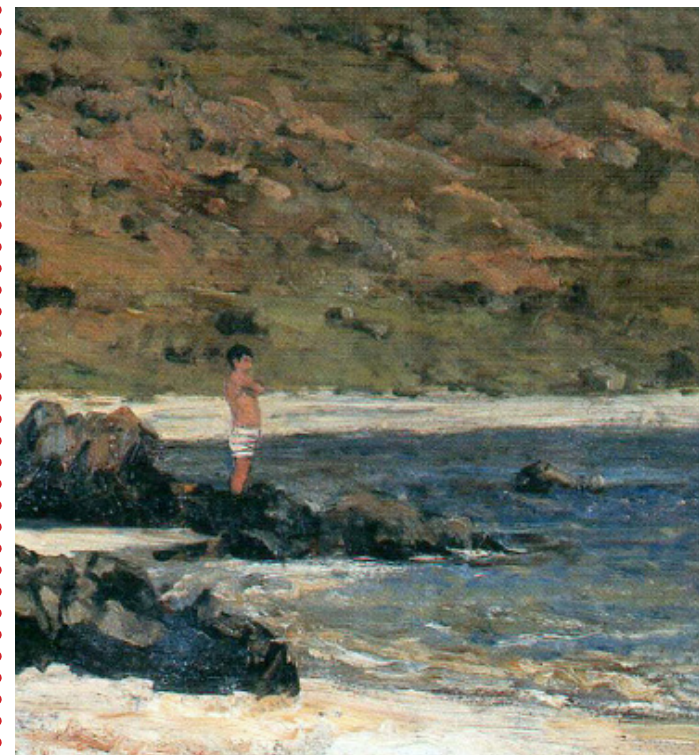
PRÓXIMO DOMINGO

Domingo XIV do Tempo Comum

Zac 9, 9-10

Rom 8, 9. 11-13

Mt 11, 25-30



Silva Porto, Recanto na praia

*Que esta época estival,
apesar de todas as medidas de segurança
relacionadas com as ameaças de contágio do coronavírus,
seja um sereno tempo para repousar, apreciar a beleza
da Criação e reforçar os laços com os homens e com Deus”.*

PAPA FRANCISCO, 2020

LINHAS E ENTRELINHAS

Pe. Borges, Junho 2020

Claude Monet, Mulher a ler



Habitamos o mistério e o mistério habita-nos. Conseguimos vislumbrar uma parte e percebemos que há tanto para descobrir, para aprofundar e para admirar.

Já demos tantos passos, muitos deles improváveis noutras etapas da vida.

Aprendemos que só conheceremos o próprio caminho se continuarmos a caminhada.

Desvelar por onde o Amor nos quer levar é tarefa de fé e de esperança.

Sempre a pedalar, sempre a progredir por trilhos que nem imaginávamos existir.

Só temos de acreditar e aspirar às coisas do alto, e não aos emaranhados da terra (Col 3, 1-2).

E porque somos naturais, sabemos que para avançar com mais qualidade importa dar tempo ao repouso, ao descanso, à reflexão.

O caminho interior é tão ou mais importante que a azáfama do servir.

O tempero interior dá um sabor mais apurado ao exterior.

Obrigado, Senhor, pelas linhas que escreves com as nossas vidas.

Obrigado, Senhor, pelos conteúdos das entrelinhas que alimentam o nosso viver.

Obrigado, Senhor, pelas maravilhas que nos permites contemplar dos trilhos em que nos lanças.

Obrigado, Senhor, pelo tempo que também dá para descansar sem parar.

Obrigado, Senhor, pela oportunidade de mergulhar no Teu e nosso mistério.

QUE ROSTO DA IGREJA APÓS A PANDEMIA?

Card. José Tolentino Mendonça

Se tivéssemos de escolher um dia do Tríduo Pascal para contar o que está a acontecer, diríamos que é Sexta-feira Santa. Porque nesse dia entramos numa igreja e apanhamos um baque. Não conhecemos nada. O sacrário está vazio, a porta aberta; as cruzes todas tapadas; o altar nu. E é esse tempo de esvaziamento que estamos a viver. Mas não há Domingo da Ressurreição sem passar pela Sexta-feira Santa e por aquilo que ela significa: o silêncio, o abandono, a capacidade de mergulhar fundo, de mergulhar existencialmente até ao fim. E isso, para nós, cristãos, coloca-nos muitas questões.

Muitas vezes, o nosso cristianismo é muito de superfície. E a Sexta-feira Santa fala-nos de um cristianismo que dói, de um cristianismo trágico, de um cristianismo que nos desnuda, que nos cinde, que nos divide, que nos derrota, que nos faz prostrar. E é um pouco essa experiência radical que nós fazemos.

Espiritualmente, é um tempo exigente, mas intensíssimo. É, verdadeiramente, um tempo de Deus, porque a saudade de Deus é um banho, um mergulho no oceano de Deus. E poder viver do desejo de Deus é algo que, possivelmente, muitos cristãos não tinham experimentado. Porquê? Porque era tudo fácil. E, muitas vezes, as práticas rituais tornam-se expressão de um consumo, porque tudo nos é dado.

Num tempo de privação, cresce o desejo, e o desejo é o princípio da Páscoa. Porque, na quinta-feira [última ceia, instituição da Eucaristia, véspera da morte], Jesus disse: desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco. No fundo, é este desejo ardente que, espiritualmente, também estamos a construir.

Penso que estamos a descobrir a comunidade. Há uma história bonita da antropóloga Margaret Mead, um aluno perguntou-lhe qual era o elemento mais antigo de civilização; e todos pensaram que ela ia falar dos instrumentos de caça ou de pesca, ou então dos artefactos de barro, de cozinha dos povos primeiros. E ela, surpreendendo todos, disse: para mim, o primeiro elemento de civilização é um fémur partido e restaurado; porque, para isso ter aconteci-

do, quer dizer que uma pessoa não foi deixada sozinha para trás, que alguém ficou ao seu lado, que alguém garantiu naquela hora de vulnerabilidade o tempo necessário para ela se curar. Por isso, no princípio, está a comunidade. E a comunidade descobrimo-la não na força, mas na vulnerabilidade.

Esta hora, em que parece que as igrejas só podem existir a meio-gás, com pouca gente, tantas limitações, tanto sofrimento, em que à pergunta sobre o que vai acontecer, qual será o futuro da Igreja, das comunidades, respondemos que a comunidade tem a origem quando fica junta na fragilidade. No princípio é a comunidade, mas uma comunidade capaz de abraçar a sua própria vulnerabilidade.

Que modelo eclesiológico [de Igreja] vai sair daqui? Sem dúvida um modelo capaz de ser mais atento e integrador da fragilidade. Entender melhor a fragilidade e a vulnerabilidade, e aprender a força de uma espiritualidade que se vive na simplicidade, na redução e na kénosis [esvaziamento]. Se um cristão, durante três meses, só pôde comungar espiritualmente, sem dúvida que ele fez um caminho espiritual que depois vai ser muito importante no resto da sua vida. Não considero que se deva dizer que as igrejas estão [estiveram] fechadas, porque cada família é uma igreja doméstica. Por isso, há uma igreja-templo que está [esteve] fechada, mas milhares de igrejas nas nossas cidades, nos nossos lugares, estão abertas. E isso é um chamamento para redescobrir a força dessa igreja-âncora, dessa igreja primeira, que é a oikía, que é a casa. Antes de ser templo, a Igreja foi casa. Jesus saiu do templo [judaico] e entrou na casa. E aí começou a experiência cristã.

Eu tenho muitas famílias amigas que me dizem: vamos ter saudades da pandemia. Ora, esse capital de alegria, esse capital de vida comum, esse capital de vida reencontrada – com as suas tensões, as suas incertezas –, essa beleza de se ter redescoberto juntos é uma grande força para a própria Igreja. Por isso, penso que temos de vencer o medo e tornar esta hora uma hora de esperança.